

KIERKEGAARD E PSICOLOGIA CLÍNICA: REFLEXÕES SOBRE COVARDIA, ORGULHO E LIBERDADE

Maitê Sartori Vieira

Instituto de Psicologia Fenomenológico Existencial do Rio de Janeiro, Brasil

orcid.org/0009-0009-4305-4969

RESUMO: Este texto pretende refletir a relação entre covardia, orgulho e angústia à luz da filosofia de Kierkegaard, de modo a elucidar caminhos possíveis para a atuação da psicologia clínica existencial com base em seu pensamento. Ao abordar a prevalência da covardia e a busca por distrações em sua época, Kierkegaard ressoa na contemporaneidade, indicando a intensificação dessa questão na sociedade atual. Iniciaremos esclarecendo como ele compreende a relação da angústia com a covardia e orgulho. Em seguida, examinaremos a sua visão sobre a covardia atrelada ao orgulho e suas manifestações na existência. Por fim, discutiremos como essas reflexões podem se desdobrar nas práticas da clínica psicológica. A compreensão e apropriação dos conceitos de covardia, orgulho e angústia pela psicologia clínica existencial, tal como apresentados por Kierkegaard, tornam-se necessárias para que o psicólogo sustente um caminho para que o paciente possa se aproximar de si mesmo na existência. Kierkegaard aponta duas direções para a saída da covardia e orgulho, na angústia diante da liberdade: a fala e a deliberação. Ambos os caminhos podem ser auxiliados pelo psicólogo, que possui o diferencial necessário para analisar, identificar e ajudar o analisando a se aproximar de si e conhecer-se verdadeiramente.

PALAVRAS-CHAVES: Covardia. Orgulho. Angústia. Liberdade. Clínica Psicológica Existencial. Psicologia Clínica.

KIERKEGAARD AND CLINICAL PSYCHOLOGY: REFLECTIONS ABOUT COWARDICE, PRIDE AND FREEDOM

ABSTRACT: This text aims to reflect the relationship between cowardice, pride and anguish in the light of Kierkegaard's philosophy, in order to elucidate possible paths for the action of existential clinical psychology based on his thinking. By addressing the prevalence of cowardice and the search for distractions in his time, Kierkegaard resonates with contemporary times, indicating the intensification of this issue in today's society. We will begin by clarifying how he understands the relationship between anguish and cowardice and pride. Next, we will examine your view on cowardice linked to pride and its manifestations in existence. Finally, we will discuss how these reflections can unfold in psychological clinical practice. The understanding and appropriation of the concepts of cowardice, pride and anguish by existential clinical psychology, as presented by Kierkegaard, become necessary for the psychologist to support a path so that the patient can get closer to himself in existence. Kierkegaard points out two directions for the way out of cowardice and pride, in anguish in the face of freedom: speech

and deliberation. Both paths can be helped by the psychologist, who has the necessary difference to analyze, identify and help the analysand to get closer to themselves and truly know themselves.

KEYWORDS: Cowardice. Pride. Anguish. Freedom. Existential Psychological Clinic. Clinical Psychology.

INTRODUÇÃO

Em seu texto intitulado *Contra a covardia* (1844/2023), Kierkegaard diz que dificilmente desejamos pensar sobre nossa própria covardia na vida. Se alguém aborda o tema da covardia em uma palestra, as pessoas rapidamente se entreolham, pensando em quem seria o miserável covarde entre elas, pois essa é considerada a coisa mais repugnante e desprezível. Essa palavra, inclusive, é pouco utilizada e, muitas vezes, falsificada e substituída por outras mais suaves como medo e receio. Entretanto, desejando fugir dessa afirmação ou não, Kierkegaard nos diz que “pode aceitar-se sem rodeios que qualquer pessoa é um pouco covarde” (2023, p. 410).

Neste artigo, eu te convido a olhar para si e para a covardia que está presente em todos nós, mas também a refletir sobre uma questão extremamente presente na clínica psicológica e relevante em um tempo em que há a incitação frequente pela coragem, a máxima do querer, a crença de que basta o esforço para que as coisas aconteçam como desejamos e planejamos. Há um incentivo frequente no nosso tempo por uma coragem disfarçada de imposição do querer, e não uma coragem a partir de uma deliberação apropriada que abraça e entrega-se aos riscos próprios da existência. Diante dos riscos, o ideal seria encontrar formas de evitá-los, mas será que isso é possível? Na clínica psicológica, são diversas as situações em que as pessoas se declaram com medo de agirem de acordo com o que consideram importante para si mesmos, medo de errarem, de perderem, de arriscarem e não conseguirem o que esperam, medo da rejeição e da reprovação. Essas situações geram sofrimento nos indivíduos que se dizem paralisados, procrastinadores, temerosos, preocupados e angustiados.

A compreensão e apropriação dos conceitos de covardia, orgulho e angústia pela psicologia clínica existencial, tal como apresentados por Kierkegaard, tornam-se necessárias a fim de que o psicólogo sustente um caminho para que o paciente possa aproximar-se e adquirir a si mesmo na existência. Essa apropriação possibilita que a psicologia compreenda aspectos

da existência humana e, assim, alcance aquilo que Kierkegaard (1859/1986) denomina de diferencial daquele que ajuda, ou seja, a *adição*.

Na *adição*, aquele que quer ajudar o outro a sair dos laços da ilusão conhece as determinações do seu mundo, dirige-se ao indivíduo em oposição à multidão, ao todo mundo (Feijoo e Protasio, 2011). Na *adição*, o ajudante está próximo ao que acontece com o outro, mas sempre a um passo atrás do que o senso comum, moralidade e regras sociais impõem e consideram como sendo o norte para a existência. O ajudante conhece o que há de mais fundamental na existência, o caráter de indeterminação e liberdade e, nesta posição, é possível que o ajudante possa afrouxar as amarras do nosso tempo que muitas vezes mobilizam sofrimentos existenciais naquele que se pretende ajudar. A clínica psicológica existencial pode acompanhar o outro nesse percurso, sem direcionar, mas devolvendo-lhe a própria existência conforme o acolhimento característico da clínica.

Este trabalho tem como objetivo aprofundar a compreensão da relação entre angústia, covardia e orgulho, mediante a exploração dos textos *O Conceito de Angústia* (1844/2016) e *Contra a Covardia* (1844/2023) e refletir sobre as contribuições destas compreensões para a psicologia clínica existencial. Ao realizar uma consulta nas bases de dados *Scielo*, *Google Scholar* e *Plataforma Lattes*, utilizando os descritores “Kierkegaard e covardia”, “Kierkegaard e orgulho”, “covardia, angústia e Kierkegaard”, “covardia, orgulho e Kierkegaard” e “covardia, orgulho e clínica psicológica existencial”, constatou-se que essa temática ainda não foi devidamente discutida na literatura. Não foram identificados estudos que abordassem, de maneira aprofundada, a relação entre covardia, orgulho e angústia, covardia e angústia ou orgulho e angústia. Da mesma forma, revelou-se uma carência de pesquisas que explorem a interseção desses conceitos com a clínica psicológica existencial. Este vazio na literatura destaca a necessidade e a relevância deste estudo, que busca preencher inicialmente essa lacuna ao investigar de maneira mais profunda a relação entre covardia, orgulho e angústia, e a prática da clínica psicológica existencial.

Neste trabalho, abordaremos, em primeiro lugar, como compreende-se a angústia e a sua relação entre covardia e orgulho. Em seguida, examinaremos a compreensão de Kierkegaard sobre a covardia atrelada ao orgulho e suas manifestações na existência. Por fim, discutiremos como essas reflexões podem se desdobrar na prática clínica psicológica.

1 – A RELAÇÃO ENTRE ANGÚSTIA, COVARDIA E ORGULHO

Kierkegaard, sob o pseudônimo Vigilius Haufniensis, no quarto capítulo da obra *O conceito de angústia* (1844/2016), cita a covardia e o orgulho como formas da angústia diante da liberdade se mostrar na existência. A angústia, segundo o autor, diz respeito ao instante em que o indivíduo se depara com a realidade do seu caráter de ser, fundamentalmente abertura para as possibilidades e, necessariamente, possuindo relação direta com esse caráter. A angústia aparece no instante em que somos compelidos a nos posicionar e a lidar com as implicações desse posicionamento. Nós não podemos prever, garantir ou controlar o que decorrerá de uma ação nossa. Por mais que façamos cálculos, as contingências do existir imperam sobre nós, mostrando que não somos detentores do poder sobre a vida.

A liberdade para Kierkegaard (1844/2016) não diz sobre um voluntarismo ou sobre uma vontade do homem que está acima de tudo e todos, e que basta o querer para realizá-la. Se, apenas pelo nosso querer e esforço, conseguíssemos realizar tudo que desejássemos, então não haveria angústia. Fundamentalmente, estamos sempre abertos para as possibilidades e, inevitavelmente, nos relacionamos e nos posicionamos diante delas. As possibilidades são infinitas e não basta o querer para que elas venham a se efetivar. Ainda, não diz respeito à vontade, mas ao que é possível de se mostrar diante de um contexto de enredo da existência de cada um, sendo sempre singular.

Kierkegaard ressalta que o indivíduo é, fundamentalmente, liberdade, entretanto, há diversos modos de se relacionar com a liberdade que se é, na concretude da existência. A angústia surge no contato do indivíduo com a liberdade, mas os modos de se relacionar com a liberdade podem se desdobrar em duas direções: como angústia diante do mal e como angústia diante do bem. Em uma nota, Haufniensis (1844/2016) esclarece que *bem* refere-se à liberdade, e *mal* à não-liberdade. Uma das formas é na angústia diante da liberdade, como diz Kierkegaard: o demoníaco.

Nessa angústia, o indivíduo, apesar de ser sempre liberdade, se toma como não-livre e se vê em uma relação forçada com a liberdade. O demoníaco é um estado em que “a liberdade está posta como não liberdade; pois a liberdade está perdida” (1844/2016, p. 134). Fundamentalmente somos liberdade, mas justamente por isso podemos, em liberdade, nos posicionarmos como não-liberdade. Podemos também nos perder de nós, fugir de nós mesmos. No demoníaco, é como se o indivíduo estivesse perdido de si, perdido do seu caráter próprio de liberdade e, nessa perdição, tomasse a si mesmo como não-livre. O movimento do demoníaco se dá como fuga do indivíduo diante da reintegração da liberdade, do assumir-se enquanto

liberdade, responsabilizando-se por si. Entretanto, essa tentativa de fuga sempre será insuficiente, já que a liberdade fundamental do indivíduo está sempre aí, como nos diz Haufniensis:

O demoníaco é a não liberdade que quer encerrar-se em si mesma. Entretanto, isso é e sempre será impossível, ela sempre mantém uma relação e, mesmo se aparentemente desapareceu de todo, não deixa de estar aí, e a angústia mostra-se prontamente no instante do contato [com o bem] (Kierkegaard, 1844/2016, p. 134).

A angústia é o evidenciar do caráter de liberdade, entretanto, há vários modos de se relacionar com o que a angústia revela. Kierkegaard, na voz de Haufniensis, diz que o demoníaco é o “hermeticamente fechado e o involuntariamente revelado” (Ibidem). O movimento próprio do demoníaco é o fechamento hermético em si, para não entrar em contato com a liberdade constitutiva, mas, involuntariamente, ela lhe é revelada e a angústia se impõe. O que ocorre, então, é que o indivíduo evita “todo e qualquer contato, seja que este então de fato o ameace ao querer auxiliá-lo para a liberdade, seja que o contactou de maneira totalmente casual” (Idem, p. 149).

A posição do indivíduo no demoníaco, assim como a perda da liberdade, pode ocorrer de diversas maneiras. Uma das formas de o indivíduo se posicionar diante da liberdade no contexto demoníaco é através da covardia. Na covardia, segundo Kierkegaard (1844/2016), há uma ausência de interioridade, ou seja, falta de um contato íntimo e próximo do indivíduo consigo mesmo. A aproximação consigo mesmo é um processo de compreensão que ocorre apenas no encontro corajoso com o que há de mais pungente e fundamental em si. Entretanto, Kierkegaard destaca que “o importante é saber como se deve compreender esse compreender” (Idem, p. 155). Essa compreensão não se enquadra no âmbito lógico ou do cálculo, pois isso sempre será insuficiente para abarcar a existência em seu próprio processo de *devenir*. Apenas compreendemos a nós mesmos, verdadeiramente, na concretude do existir. Quanto mais próxima da ação for essa compreensão, mais coerente com a verdade do existir singular.

O que Kierkegaard entende por subjetividade ou autoconsciência, entretanto, não se refere a uma abstração do pensamento ou contemplação. O conteúdo da subjetividade não pode ser estático e, por isso, objeto do pensamento. A existência e o processo de interioridade acontecem e são alcançados pela e na ação do existir, em um processo contínuo de *devenir*: “esta autoconsciência é, portanto, ato, e este ato é novamente interioridade” (Idem, p. 156). Kierkegaard aponta, sob a égide de Haufniensis, que no demoníaco há esse afastamento de si,

uma ausência de interioridade, em uma tentativa de fuga da liberdade que se anuncia no instante em que o indivíduo tem contato consigo mesmo.

A ausência de interioridade não pode ser vista como uma passividade plena no existir, pois não podemos nos abster da nossa existência, nem viver de modo puramente mecânico e automático, por mais que queiramos. A falta de interioridade no indivíduo diz respeito à forma como ele se relaciona consigo mesmo no existir. Portanto, é uma passividade que é ativa na fuga de si, uma fuga que jamais será permanente. Por isso, Haufniensis afirma que a ausência de interioridade é uma passividade-atividade ou atividade-passividade e, para exemplificar como esse esquema aparece no demoníaco, ele nos apresenta brevemente três exemplos: descrença-crendice, hipocrisia-escândalo e orgulho-covardia. Neste trabalho, nos aprofundaremos no esquema orgulho-covardia e como ele se manifesta na concretude do existir.

2 – A COVARDIA ORGULHOSA E SUAS MANIFESTAÇÕES NA EXISTÊNCIA

Na angústia diante da liberdade, o indivíduo deseja fechar-se em si, fugir do vislumbre da liberdade que lhe é constitutiva, e acovarda-se diante da deliberação e realização que precisam ser feitas. Uma questão que se impõe diante disso é: o que leva o indivíduo a querer tanto fugir de seu caráter de liberdade? O que essa liberdade tem para revelar? Ao meu ver, o angustiado, na covardia, deseja escapar do instante em que se vê diante das possibilidades, do instante que inevitavelmente requer um posicionamento decisivo e confronto com a posição tomada.

A covardia é o demoníaco. Permeado por ela, o indivíduo busca fechar-se diante do risco, da possibilidade e da realização que evidencia o incontrolável e imprevisível. Na covardia, a pessoa pode até ensaiar um salto, mas nunca tem força suficiente para fazê-lo. Sua energia é toda empregada no incessante rodopio em si mesmo, como um pião (Kierkegaard, 1844/2016). Gasta-se grande energia ao pensar em como se preparar para a realização, como antecipar os riscos. Também se consome uma considerável quantidade de energia na queixa, na reclamação pela vida o ter condenado à miséria em que se encontra, na sensação de não conseguir sair e na convicção de estar determinado. Isso ocorre porque sair implica entrar em contato com a liberdade, com as possibilidades que exigem posicionamento para se tornarem realidade. A covardia é uma passividade que é ativa no profundo orgulho escondido em si, como nos diz Kierkegaard: “se se quisesse reunir uma individualidade ativamente orgulhosa e

uma passivamente orgulhosa, poder-se-ia então ter oportunidade, no instante da derrota da primeira, de se convencer de quão orgulhoso era no fundo o covarde” (1844/2016, p. 159).

Ver-se diante da realização é, necessariamente, confrontar a possibilidade de fracasso, de colocar em risco o eu-vestimenta. Na maioria das vezes, pensamos que o que nos define são as nossas características, status e profissão, mas, na verdade, esses são apenas revestimentos de um eu mais fundamental. Fundamentalmente, não somos nossas características, status, profissão ou escolhas, somos uma abertura para as possibilidades no existir, e isso é o que verdadeiramente nos define. No entanto, muitas vezes acreditamos ser a vestimenta que cobre e esconde a liberdade constitutiva que possibilita, inclusive, que nos definamos de determinado modo.

“A covardia é um profundo orgulho” (Idem, p. 158) que tenta proteger o eu-vestimenta. O status, a honra e a identidade não podem ser abaladas, pois, se forem, o que sobrar? Sempre sobrar algo, porque nós não somos a identidade que tanto defendemos. Entretanto, como seria se deparar com o fato de não sermos isso que abraçamos tanto como nosso? Como seria perder isso que você assume tanto como seu, como o seu eu? A maior coragem é a de assumir que o que nos orgulha em nós não diz fundamentalmente sobre nós; somos anteriores a tudo isso e, justamente por isso, podemos perder.

Mas, quando o indivíduo está na angústia diante da liberdade, a covardia aparece pedindo que se faça menos, que se seja “o menos possível, a fim de salvar o seu orgulho” (Idem, p. 159). Quanto menos realizações, menos a pessoa tem que se haver com a sua liberdade e com as consequências diante de uma posição, menos chance de perder, de colocar o jogo o seu eu e então, assim, o seu orgulho fica salvo. Mas que ilusão é a de pensar que é possível viver sem decidir, sem escolher. Viver é ter que se posicionar constantemente no existir e lidar com o que advém dos posicionamentos: novas possibilidades. Costumamos pensar que arriscadas são as atitudes imprudentes, corajosas, o que destoa do mundo, mas Kierkegaard nos lembra que “é pelo nascimento que o indivíduo ficou exposto ao perigo no qual agora se encontra” (1844/2023, p. 402). Nascer é estar, necessariamente, diante da indeterminação que somos e termos que nos constituirmos nas condições que são as nossas, sem roteiro e prévia.

Entretanto, mesmo que esse seja um caráter próprio da existência de todos nós, é possível tentarmos fugir dele, negá-lo, se relacionar de modo covarde com a vida e consigo. A covardia, portanto, não é uma identidade e nem um diagnóstico. Ela é um modo de se relacionar

consigo e com a vida, modo esse que pode sempre vir a ser diferente, pois somos fundamentalmente possibilidade.

A fuga do contato com a liberdade e da realização, em covardia-orgulhosa, acontece de muitas formas na vida. Uma delas é tomando-se como impossibilitado de agir por algo exterior, como pessoas ou situações, tomando-se como sem possibilidades, condenado à sua vida. Uma outra forma é encontrar infinitas justificativas para não decidir e realizar o que se pretende, na crença ilusória que é possível encontrar um momento ideal de menos riscos. Nessa situação, facilmente encontra-se subterfúgios para evitar a realização e o orgulho se apresenta fortificando ainda mais a crença de que deve se preparar um pouco mais para o momento da ação, até porque ela precisa ser grandiosa, certa, e não pode ser pouca coisa e arriscar o eu-vestimenta. Nesse sentido, o covarde orgulhoso pode ser facilmente interpretado como alguém sensato, mas Kierkegaard nos atenta para o fato de que a sensatez,

[...] também dá o seu apoio à covardia, ensinando-lhe que se deve sempre ser um pouco desconfiado e nunca entregar-se incondicionalmente. Eis algo que é também até muito sensato; mas supõe que seria, todavia, um desvario relativamente ao que nem sequer traz nada a ganhar, caso não se invista tudo? (1844/2023, p. 414).

A covardia é a paixão mais flexível, agradável e graciosa de todas as paixões, diz Kierkegaard (1844/2010). Facilmente nos aconchegamos nela, nos deixamos convencer que o melhor é fazer pouco, pois o sensato é agir com sabedoria, desconfiança e apenas ter esforços para o que realmente for grande e bom. Deve-se também ter calma para planejar tudo nos mínimos detalhes, afinal, para que ter pressa se a meta está distante? O que é uma semana, um mês para isso grande que está por vir? Até porque, “aquele que nada começa também nada perde” (Kierkegaard, 1844/2023, p. 413). Esse é o discurso da covardia que sempre nos leva a postergar um pouco mais, mergulhados pelo orgulho e preocupação com o nosso eu-vestimenta, porque

[...] o que a covardia mais teme é que uma resolução seja tomada, pois uma resolução sempre dissipa a névoa em um instante. O poder com o qual a covardia conspira melhor é o tempo, pois nem o tempo nem a covardia encontram motivo para se apressar; (...) (Kierkegaard, 1844/2010, p. 344 – tradução nossa).

Assim que uma ação é tomada, as possibilidades de antes não são mais as mesmas e, necessariamente, surgem novas possibilidades. E, então, cada vez mais, temos que perceber o que se mostra para nós e decidir diante das possibilidades. É na ação que nós construímos e

fortificamos quem somos. Mas, para fazer isso, nós precisamos nos curvar à resolução e assumir, em humildade, que o grandioso e o glamour são ilusões do orgulho, que a realidade é feita de pequenas ações tomadas dia após dia, na humildade diante do pouco que precisa ser feito a cada vez. A resolução é o começo humilde, o primeiro passo, o simples, o pouco, mas o necessário.

O orgulho e a covardia nos fazem esquecer da nossa tarefa, do dever que precisamos desempenhar todos os dias por nós, pela vida que escolhemos e queremos ter. O dever só é cumprido na ação, mas precisamos de humildade para reconhecer que o começo é de baixo e do pouco. Precisamos de coragem para encarar que a jornada pode desmanchar o que acreditávamos ser o nosso eu, o que havia de mais valioso e certo em nós. Mas coragem para quê?, você pode perguntar. Por quê? O maior beneficiário da coragem é a própria pessoa que a vivenciou. Mesmo perdendo, ela saberá que a ação foi tomada em coerência e verdade consigo, pois, como diz Kierkegaard, o ato de adotar uma resolução é “uma renovação constante de uma deliberação decisiva” (1844/2023, p. 406), ou seja, firmar-se em uma resolução é atualizar constantemente a deliberação alcançada após um processo de apropriação de si.

Mas a deliberação decisiva não é fácil e acreditar que é possível alcançar uma facilidade nisso é estar na ilusão que a postergação nos faz crer: se eu me preparar um pouco mais, se eu deixar para outro dia, então fazer isso será mais fácil. E nunca é. Nunca é mais fácil, porque deliberar decisivamente e desempenhar a sua tarefa é necessariamente estar diante do que é importante para você e do que te move. A nossa tarefa se encontra justamente no que nos coloca para jogo na vida, que nos exige coragem e nos faz nos depararmos com a angústia do não saber e não poder saber como será. Quando estamos em um caminho que não nos exige muito, a covardia e o orgulho sussurram em nosso ouvido: isso mesmo, esse é o caminho bom e confortável, assim você terá sucesso e tranquilidade. E, assim, vamos nos afastando cada vez mais do que precisamos fazer por nós, pela vida, pois “o embuste da covardia consiste em falsificar a tarefa, em tornar o que é difícil, fácil, o que é mais fácil, difícil; a satisfação do orgulho está em escolher o que é imaginado como difícil” (Idem, p. 429).

A resolução na qual eu falo aqui, portanto, não é trabalhar muito, ser produtivo. Essa, inclusive, pode ser justamente a justificativa para não fazer o que precisa e deve fazer por si, pois agir de acordo com o que mundo pede, receber os elogios e louvores dos homens, pode iludir e, nessa ilusão, distanciar o indivíduo do que ele precisa fazer por si, mesmo se isso for contrário às sugestões do mundo (Kierkegaard, 1844/2023). A resolução diz respeito ao que

clama em cada um a respeito do que precisa ser feito por si; diz respeito à tarefa que assumimos como a nossa, o que faz sentido e nos inquieta justamente por tocar o nosso mais íntimo. Porém, a covardia não apenas nos distancia da nossa tarefa; ela prejudica e dificulta o entendimento do bem que podemos fazer por nós, ela “impede um indivíduo de reconhecer como seu o bem que faz” (Kierkegaard, 1844/2023, p. 425) e “impede uma pessoa de fazer o bem, de cumprir o que na verdade é grandioso e nobre, aquilo ao qual estava ligado pela deliberação” (Idem, p. 417).

O reconhecimento do bem, entretanto, não pode ser colocado exteriormente por um evento ou outra pessoa. Apenas cada um, no encontro íntimo consigo, pode identificar e assumir para si o bem que precisa desempenhar na existência. Por isso, até para o encontro e descoberta do bem, é necessário coragem. É necessário coragem para aproximar-se de si, compreender-se e, nesse movimento, afirmar para si o que precisa ser feito, deliberar. É necessário, também, humildade para reconhecer esse bem. O orgulho deslumbra ao dizer para si que o bem precisa ser algo grandioso, que exige um grande preparo, quando, na verdade, o bem sempre se encontra no pouco que precisa ser feito a cada dia para se viver em maior coerência consigo.

Kierkegaard convida a cada um a servir ao bem, ou seja, servir e ser humilde ao que precisa ser feito a cada vez, na vida, em seriedade com quem se é e com a deliberação tomada. Isso parece ser fácil, entretanto, é difícil na medida que anula o grandioso e vaidoso, mas acolhe o simples e o necessário a ser desempenhado hoje. O que faz com que o indivíduo não esteja em uma boa relação com a deliberação é a covardia e, paradoxalmente, ela é a sua salvação (Kierkegaard, 1844/2010).

3 – COVARDIA, ORGULHO E A ANGÚSTIA NA CLÍNICA PSICOLÓGICA EXISTENCIAL

A covardia e o orgulho são questões extremamente comuns em nosso tempo e, conseqüentemente, surgem frequentemente na clínica psicológica. Mas, como podemos pensá-las e abordá-las na prática da clínica psicológica? Quando essa questão surge no encontro com a pessoa diante de nós, o importante é ajudá-la a perceber a si mesma em sua vida, entender o que a faz evitar o que ela deseja fazer por si, mas não consegue. O que se revela quando ela se depara com a necessidade de realizar algo importante e posterga? O que faz ser difícil decidir e ir para a realização? Algo está em jogo diante daquele começo que ela não consegue fazer por si apesar de o querer? Ao questionar isso, indiretamente, aprofundamo-nos na questão que se

apresenta na vida daquela pessoa, auxiliando-a a se aproximar de si mesma, a dialogar consigo mesma e a responder às suas próprias perguntas, cientes de que somente ela poderá fornecer as respostas.

É possível que ela responda que está demorando para realizar porque o que deseja fazer precisa ser excelente. Afinal, ela não deseja realizar algo que não traga bons resultados, pois é importante para ela. Pode também dizer que adia porque precisa de tempo e que a pressa é para os tolos. No entanto, ao afirmar isso, ela acredita que cabe apenas a ela conquistar o que deseja, esquecendo-se de que nem tudo está sob seu controle, ignorando as contingências do existir que interferem em cada aspecto da vida. A lógica e o planejamento são importantes para a vida e nos ajuda a seguir e realizar o que nos importa. Entretanto, é muito comum que as pessoas esqueçam o limite próprio que o existir nos coloca diante do nosso querer e esforço. Nós podemos muitas coisas, mas sempre esbarramos com as necessidades, limites e finitudes próprias do existir. Nenhum ser humano consegue abarcar todas as variáveis e probabilidades da existência, pois nosso poder é limitado.

O orgulho se encontra com a covardia no instante em que o indivíduo pensa que depende exclusivamente de si para deliberar e realizar algo magnífico e grandioso, quando, necessariamente, ele nunca estará plenamente sozinho nessa realização, pois uma série de aspectos estarão presentes para ajudar ou atrapalhar um processo que não está ao seu alcance pleno de controle. A resolução diária exige que nos dobremos a ela e ao nosso limite de alcance e controle, que façamos o pouco a cada vez e comecemos nesse pouco, reconhecendo que não podemos abarcar mais do que a nossa capacidade permite (Kierkegaard, 1844/2010).

Dizem que o primeiro passo é o mais difícil de ser dado, pois ele nos retira do lugar aparentemente confortável e conformável em direção a uma ação que envolve riscos. Esse primeiro passo, ao mesmo tempo que nos desafia diante de um perigo que, ilusoriamente, pensávamos que não existia, é difícil porque exige humildade. Demanda que deixemos de lado nosso orgulho e comecemos com pouco. No entanto, o começo, que parece simples e insignificante, nos coloca diante de nós mesmos: e se isso que considero simples for, na verdade, difícil? E se isso que considero insignificante não se mostrar totalmente assim? Lidar com a própria fraqueza seria terrível; que vergonha seria isso! No entanto, a covardia é sensata e nos adverte a não nos arriscarmos, a calcular um pouco mais antes de nos lançarmos à realização, como Kierkegaard nos diz:

Quem poderia contabilizar todos os subterfúgios, todos os sofismas que a covardia nestas circunstâncias consegue inventar, todas as propostas dolosas que ela fazer para ter razão contra a deliberação, para ficar convencida que a deliberação é uma armadilha na qual se fica preso, um meio de suplício auto infligido com o qual o prisioneiro se tortura a si mesmo, em embuste que, todavia, em nada auxilia! (1845/2023, p. 420).

Em covardia, é frequente a criação de diversas justificativas para evitar a deliberação, ou seja, a decisão firme que surge a partir de um movimento de relação e reflexão consigo mesmo. Essas justificativas muitas vezes são ilusões, mas o próprio indivíduo se encontra preso a elas e as considera como verdade. No demoníaco, o indivíduo cria formas de fugir da liberdade que lhe é constitutiva e, muitas vezes, a fuga ocorre pelas verdades que a própria pessoa cria sobre si mesma e sobre sua incapacidade de ação. Assim, a pessoa cria narrativas para si mesma para se convencer de que o melhor é não fazer nada.

O papel do psicólogo, nessas situações, não consiste em devolver diretamente para a pessoa sua ilusão, dizendo, por exemplo, “o que se mostra em seu caso é que você está sendo covarde diante do que precisa ser feito”. Isso não ajudaria em nada e, pelo contrário, poderia fazer a pessoa se sentir ofendida. Kierkegaard nos lembra disso ao afirmar que falar diretamente para a pessoa sobre sua ilusão pode desencadear a oposição de sua vontade e, ao fazer isso, afastá-la ainda mais de si mesma e da pessoa que deseja ajudá-la (Kierkegaard, 1859/1986). Em contrapartida, o método indireto permite que a pessoa chegue por si própria à consciência de sua ilusão e, então, no contato íntimo consigo, possa compreender-se verdadeiramente.

Na psicologia clínica, com o uso de perguntas e comentários, ajudamos a pessoa a se ver em sua própria narrativa, a perceber as crenças que cria para si mesma e que a aprisionam, permitindo que ela desperte para seu caráter de liberdade. O importante, portanto, é que a pessoa mergulhe em si mesma e, nesse mergulho, possa ver o fundamento de sua questão que, a princípio, parece meramente circunstancial.

Suas justificativas para não agir de acordo com a sua deliberação ou para não deliberar podem parecer direcionadas apenas a circunstâncias específicas salientadas, entretanto, são apenas formas que ela encontrou para fugir de si mesma e da tarefa que precisa desempenhar por si no encontro sincero e íntimo com a liberdade, com o bem. A procrastinação, por exemplo, superficialmente parece uma preguiça e pode ser justificada pelo cansaço ou por algo externo que a atrapalha, quando, muitas vezes, pode esconder seu fundamento: covardia-orgulhosa. Adiar uma atividade que precisa ser feita é, também, adiar todos os riscos e imprevistos que podem vir com ela; e isso a pessoa não deseja enfrentar, pois entrar em contato com essa questão

é entrar em contato com o íntimo de si. É importante, nesses casos, que o psicólogo possa reconhecer o que de fato é um limite intransponível para a pessoa que a impede de deliberar e agir em consonância com isso ou é um modo dela fugir do seu caráter de liberdade. Este reconhecimento apenas pode acontecer na relação clínica com a pessoa, a partir de perguntas que possam evidenciar do que se trata as justificativas.

Diante dessa questão, portanto, o psicólogo não atua como um juiz que julga ou um avaliador neutro e objetivo, e sim como um facilitador para que a pessoa, que está no demoníaco, possa se comunicar profundamente consigo mesma e ver o que move suas ações no existir. Na fala, é possível que o demoníaco possa revelar-se para si mesmo e, nesse despertar, ele possa dialogar verdadeiramente consigo, pois, segundo Kierkegaard, “a linguagem, a palavra, é justamente o que salva, o que salva da abstração vazia do hermetismo” (1844/2016, p. 143). É fundamental, entretanto, que quem esteja ouvindo e ajudando a pessoa a comunicar-se consigo tenha a habilidade necessária para não ajudá-la a afundar-se mais na não liberdade. A arte do psicólogo, nesses casos, “reside em estar presente e, contudo, não estar presente” (Idem, p. 138) a fim de que a própria pessoa converse consigo mesma e entregue-se nessa comunicação. O psicólogo acompanha e se atenta para o processo de aproximação de si, auxiliando-a, mas sem fazer o que apenas a pessoa pode fazer por si, pois a “revelação já é a primeira expressão da salvação. Por isso diz um antigo ditado que, quando a gente se atreve a pronunciar a palavra, a magia do feitiço se desfaz, e por isso o sonâmbulo se acorda logo que a gente pronuncia o nome dele” (Ibidem).

O despertar para si mesmo no demoníaco não ocorre a partir de uma causa específica, portanto, pedir para a pessoa falar não gera, como causa de um efeito, a libertação da pessoa. É possível, inclusive, falar muito de si, mas sem compreender verdadeiramente a si mesmo no discurso. A fala precisa estar em contato íntimo e verdadeiro consigo. O psicólogo ajuda a pessoa a se aproximar cada vez mais de si, fazendo perguntas que possam tocar ou encaminhar para o âmago da questão a ser vista, mas sempre reconhecendo o limite do outro, até onde ele pode, quer e consegue ir.

Diante de uma fala que evidencia para o psicólogo uma covardia-orgulhosa, tal como Haufniensis (1844/2016) nos apresenta, o importante é que o profissional ajude a pessoa a ver o fundamento do seu incômodo. Quando a pessoa diz que não consegue realizar o que pretende, por exemplo, porque é difícil acordar cedo para desempenhar as tarefas, o psicólogo deve ajudá-la a ver por si própria se a questão de acordar cedo ou não é uma justificativa que pode esconder

algo ainda mais profundo como, por exemplo: o orgulho, o medo de arriscar o próprio eu diante de uma ação que não se tem certeza se gerará frutos ou aquilo que se espera.

Nessa conversa, pode ser que a pessoa perceba que o que a impede de fazer algo, fundamentalmente, não diz respeito a este ou aquele motivo do cotidiano, mas sim à sua relação consigo, o seu orgulho-covarde. Dando-se conta disso, a ilusão gerada por si, através das desculpas, não tem tanto efeito como antes; ela não consegue enganar-se e confortar-se como conseguiu um dia. Nesse instante, a pessoa, sem o conforto da ilusão, se vê diante de si, vê a verdade de si. É difícil arriscar, pois pode-se perder. Diante do medo de se perder, entretanto, o que pode ser mais forte?

Maior que o orgulho pode ser a relação com o bem que a pessoa reconhece que precisa fazer por si e para si (Kierkegaard, 1844/2023). Mas, se esse bem não for reconhecido, abraçado e cuidado pela pessoa, então qualquer passividade parecerá ser uma escolha mais sensata a partir do que o mundo diz que é o melhor a ser feito. O trabalho na psicologia, portanto, não é incentivar que a pessoa aja, desenvolva projetos e os execute, mas sim reconhecer o que ela percebe que precisa fazer por si, e que compreenda o que a impede de desempenhá-los. Ajudando a pessoa a ver por si que sua covardia está relacionada ao orgulho, pode abrir mais intensamente a possibilidade de despertar para si e para o que realmente é importante de ser feito. Esse despertar transforma o olhar dela para si, para a vida e para a realização. Após transformada, é possível acovardar-se novamente, é claro, mas não podemos “desver” o que foi visto.

No trabalho da psicologia clínica em relação à covardia, portanto, o importante é o psicólogo devolver a pessoa para si, pois apenas ela poderá dizer em seu íntimo se, de fato, está sendo covarde ou não. Se está agindo em seriedade na sua existência ou com covardia. Estar em seriedade consigo e com o que precisa ser feito é estar próximo do que há de mais verdadeiro em si. A seriedade diz respeito à “originalidade conservada na responsabilidade da liberdade” (Kierkegaard, 1844/2016, p. 161). Uma responsabilidade com o caráter próprio de liberdade que está sempre presente nas nossas vidas e exige de nós. Essa responsabilidade permite que haja uma originalidade na existência, permite que o mesmo seja novo, que atualizemos a nós mesmos no movimento da vida cotidiana, na ação, pois, como nos diz Kierkegaard pelo pseudônimo Haufniensis: “a interioridade só se alcança pela e na ação” (Idem, p. 151).

Kierkegaard (1844/2016) nos convida a estar em seriedade na Psicologia, na atmosfera da resistência destemida da seriedade. Em um compromisso consigo e com a sua tarefa, o

psicólogo precisa agir diante do outro e diante de si com coragem. Coragem para ir à experiência e, próximo a ela, ajudar o outro a se aproximar de si sem intermediários. Coragem para resistir às chamadas do mundo por soluções rápidas, por respostas brilhantes e intervenções certeiras. Coragem para resistir às categorizações ilusórias dos indivíduos que apenas os enclausuram mais em seu sofrimento. Coragem para não temer nadar contra a maré, mesmo que todos falem que ser um bom psicólogo é agir de modo prudente e como o mundo espera que seja.

A psicologia clínica existencial, na resistência destemida da seriedade, diante da covardia, não atua como um *coach* dizendo para o outro que querer é poder, que tudo depende do seu esforço, mas também não ignora o fato de que a covardia salienta para algo mais importante a ser visto: a relação do indivíduo consigo. Kierkegaard diz que a covardia e o orgulho andam juntos e são a mesma coisa. Diz também que ambos estão relacionados a uma tentativa do indivíduo de fechar-se em si mesmo, fechar-se diante da possibilidade que se é, preservar o seu eu-vestimenta.

A covardia parece agradável, segura e confortável, mas esconde o fato de que o indivíduo está perdido de si mesmo. Saber e estar próximo disso é fundamental para a psicologia clínica, pois, atentos a isso, conseguiremos ter um diferencial em relação a quem nos busca ajuda. Diante do outro, conseguiremos perceber que o que ele teme é a si mesmo, que o orgulho esconde uma covardia em relação à vida, que a dificuldade que ele coloca para si pode ser uma justificativa para se afastar da incerteza e do perigo que é viver. A covardia, aliada ao orgulho, são modos da angústia diante da liberdade se mostrar no existir. Diante da possibilidade da realização e das tantas possibilidades que vêm com ela, o indivíduo negocia e engana-se para não dar o passo necessário para assumir-se, em liberdade, na sua existência, enganando-se que acovardando-se pode fugir da liberdade, o que está sempre à espreita para se revelar. Terminei este trabalho com um trecho do Kierkegaard:

Deixa que cada dia tenha o seu tormento e a sua canseira, mas também o seu prazer e a sua recompensa; eis o eterno estribilho da deliberação, a sua mais solene e mais quotidiana exigência, a sua primeira e a sua última palavra, o que em cada dia significará e a significação que dará a cada dia: ainda hoje (1844/2023, p. 411).

CONCLUSÃO

Ao afirmar que “em nossa época de covardia faça-se todo o possível para afastar qualquer pensamento solitário, usando-se de toda sorte de distrações” (1844/2016, p. 131),

Kierkegaard destaca duas questões importantes: a prevalência da covardia em sua época e, ousaria dizer, também na nossa, e o quanto o movimento imediato diante dessa questão é a tentativa de fuga por meio de distrações, algo extremamente intensificado e presente no nosso tempo. O filósofo dinamarquês, em seus escritos, preocupa-se em se referir à sua época; no entanto, o seu pensamento é extremamente atual na medida que as questões apontadas no século XIX permanecem em nosso século e falam sobre a constituição do indivíduo.

Este artigo procurou evidenciar como a angústia diante da liberdade, o demoníaco, se manifesta na existência pelo esquema orgulho-covardia e como essa relação pode ser analisada e trabalhada na clínica psicológica existencial. Kierkegaard diz que o orgulho e a covardia são um só; entretanto, um esconde o outro. Ao trabalhar essa questão, o filósofo existencial auxilia a psicologia clínica a se atentar para o que precisa ser considerado quando o orgulho ou a covardia se evidenciam nas sessões de psicoterapia. Se nós, psicólogos, sabemos que o orgulho esconde uma covardia que muitas vezes não é vista e considerada, cabe ao psicólogo ajudar, indiretamente, a pessoa a ver-se nesse esquema para que, então, possa entrar em contato com o mais fundamental a ser considerado em seu sofrimento.

O diferencial do psicólogo em relação à pessoa atendida é justamente o seu conhecimento acerca das questões mais fundamentais da existência e de como podemos ajudar as pessoas a aproximarem de si para que, assim, possam apropriar-se de si mesmas, da sua subjetividade, interioridade. Atentar-se para a passividade no orgulho e a atividade na covardia é essencial para que o psicólogo não se iluda no acalento argumentativo que o posicionamento covarde pode fornecer, como a necessidade de se preparar mais, a culpabilização de terceiros por não conseguir fazer algo, a valorização da dita tranquilidade para desempenhar um projeto, entre outros.

Os argumentos que a covardia cria para si são ilusões que afastam o indivíduo de si e do seu bem, daquilo que apenas cada um de nós pode reconhecer como seu e como o que precisa fazer por si na existência. O orgulho aprisiona o indivíduo na passividade, pela atividade, ao temer arriscar o seu “eu” tão valioso, que também é uma ilusão, pois Kierkegaard (1844/2016) nos diz que o que há de mais próprio em nós é a abertura que se dá como possibilidade para a possibilidade. O que nos define, mais fundamentalmente, diz respeito ao modo como nos posicionamos nas ações do existir, a cada vez.

Utilizando o pseudônimo Haufniensis e assinando com seu próprio nome nas obras *O Conceito de Angústia* (1844/2016) e *Contra a Covardia* (1844/2023), Kierkegaard aponta a fala

e a deliberação como formas de saída do demoníaco e da covardia-orgulhosa. Uma coisa, portanto, deve estar relacionada à outra. É necessário, em primeiro lugar, que o indivíduo converse verdadeiramente consigo mesmo para que, nessa conversa, aproxime-se de si e perceba o que a sua covardia ou orgulho ocultam. Nesse diálogo, pode ocorrer o despertar que possibilita a deliberação decisiva do indivíduo em relação ao que ele reconhece como seu bem, como o que precisa fazer por si mesmo.

Por isso, é importante reconhecer o quanto o estudo dessas questões apontam direções extremamente pertinentes para a psicologia clínica, auxiliando o psicólogo a ver mais claramente a covardia e o orgulho como relacionados mutuamente, em um posicionamento diante da liberdade de fuga e negação de si, além de apontar o modo como é possível ajudar a pessoa a ver-se a si mesmo de modo mais apropriado, ao criar o solo de possibilidade para o despertar necessário para a deliberação e realização decisiva em relação ao que se reconhece como seu bem.

Assim, ao considerar a relação entre covardia e orgulho propostas por Kierkegaard, na angústia diante da liberdade, a psicologia clínica ganha subsídios valiosos para guiar seus métodos de intervenção, promovendo a compreensão da liberdade inerente à existência humana. A busca pela seriedade na resistência destemida diante desses desafios revela-se como um caminho promissor para a psicologia contemporânea, destacando-se como um convite à coragem, ao diálogo profundo consigo mesmo e à deliberação singular na jornada existencial de cada indivíduo.

REFERÊNCIAS

FEIJOO, A. M. L. C.; PROTASIO, M. M. Análise Existencial: uma psicologia de inspiração kierkegaardiana. *Arquivos Brasileiros de Psicologia*, v. 63, n. 3, pp. 72-88, 2011. ISSN 1809-5267.

KIERKEGAARD, S. A. *Deztoito Discursos Edificantes*. Trad.: Elisabete M. de Sousa. Lisboa: Relógio D'Água, 2023. Originalmente publicado em 1844.

_____. *Escritos de Søren Kierkegaard Volumen 5: Discursos Edificantes*. Tres discursos para ocasiones supuestas. Trad.: Darío González. Madri: Editorial Trotta, S. A., 2010. Originalmente publicado em 1844.

_____. *O Conceito de Angústia*. Trad.: Valls A. L. M. Petrópolis: Vozes, 2016.
Originalmente publicado em 1844.

_____. *Ponto de Vista Explicativo da Minha Obra como Escritor*. Lisboa: Edições 70,
1986. Originalmente publicado em 1859.

I – INFORMAÇÕES SOBRE O AUTOR

Maitê Sartori Vieira

Psicóloga graduada pela Universidade Federal Fluminense (UFF). Mestre em Psicologia Social pela Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ), tendo sido bolsista da CAPES. Especialista em Psicologia Clínica na perspectiva Fenomenológico-Existencial pelo Instituto de Psicologia Fenomenológico-Existencial do Rio de Janeiro (IFEN). Membro do grupo de pesquisa *Margem Kierkegardiana*, UERJ. Atualmente atua como professora da Pós-Graduação do Núcleo de Clínica Ampliada Fenomenológica Existencial (NUCAFE). É fundadora e professora do Curso de Formação “Psicologia Clínica Existencial com base em Kierkegaard”. Tem experiência em pesquisa sobre a Psicologia Clínica com ênfase no pensamento existencial de Soren A. Kierkegaard. Site: www.maitesartori.com. E-mail: maitesartori@gmail.com

II – INFORMAÇÕES SOBRE O ARTIGO

Recebido em: 29 de janeiro de 2024

Aprovado em: 20 de fevereiro de 2024

Publicado em: 30 de março de 2024